

O que a América Latina tem a ver com a *Nova Guerra Fria*? Reflexões sobre a crise da Venezuela

What does Latin America have to do with the New Cold War? Reflections on the Venezuela crisis*

Augusto W. M. Teixeira Júnior **

RESUMO

O artigo analisa o processo de conversão da América Latina e Caribe em novo tabuleiro onde se processa a competição geopolítica entre Estados Unidos, Rússia e China. O texto prioriza o estudo da Venezuela e os desdobramentos da sua crise para a região. Como estratégia de interpretação da realidade internacional, a investigação parte do debate sobre a existência de uma Nova Guerra Fria. O artigo se apoia em teorias geopolíticas, no realismo ofensivo e na teoria do equilíbrio de poder. Em suas considerações finais o artigo argumenta que apesar de inconclusivo, o debate sobre a Nova Guerra Fria contribuiu para a compreensão da geopolítica contemporânea na América Latina. Isto se dá porque a abordagem em questão proporciona conceitos e parâmetros que organizam a compreensão de analistas e tomadores de decisão num contexto internacional marcado pela multipolaridade e acirramento da competição entre grandes potências.

Palavras-chave: Geopolítica; Nova Guerra Fria; América Latina e Caribe; Venezuela; Grandes Potências.

ABSTRACT

The paper analyzes the turning of Latin America and the Caribbean into a new chessboard where the geopolitical competition between the United States, Russia and China takes place. The text prioritizes the study of Venezuela and the consequences of its crisis for the region. The investigation starts from the debate about the existence of a New Cold War as a strategy for interpreting the international reality. The article is based on geopolitical theories, offensive realism and in balance of power theory. In its final considerations the paper argues that although inconclusive, the debate about the New Cold War contributed to the understanding of contemporary geopolitics in Latin America. This is because the approach in question provides concepts and parameters that organize the understanding of analysts and decision makers in an international context marked by multipolarity and the intensification of competition between great powers.

Keywords: Geopolitics; New Cold War; Latin America and the Caribbean; Venezuela; Great Powers.

* Artigo originalmente publicado na revista *Escenarios Actuales*, do *Centro de Estudios e Investigaciones Militares* do Exército do Chile, em setembro de 2019, sob o título “*Qué es lo que América Latina tiene que ver con la Nueva Guerra Fría? Reflexiones sobre la crisis de Venezuela*”

** Doutor em Ciência Política (UFPE). Realizou Estágio de Pós-Doutorado em Ciências Militares (ECEME). Professor do Departamento de Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais (UFPB). Pesquisador do Núcleo de Estudos Prospectivos do Centro de Estudos Estratégicos do Exército (NEP - CEEEX) e do INCT-INEU.

Introdução

Como o fenômeno denominado de Nova Guerra Fria pode contribuir para compreender as mudanças do panorama geopolítico da América Latina e Caribe na atualidade? Trinta anos após a queda do Muro de Berlim em 1989, o debate internacional retoma em seu vocabulário uma expressão que a muito servia apenas como referencial histórico: Guerra Fria. Reflexo do duplo processo de emergência de novos centros de poder internacional - associado à contestação da primazia dos Estados Unidos em diversas regiões e expressões do poder - a Nova Guerra Fria como metáfora (KRAMER, 2018) surge como uma interessante possibilidade analítica para compreender a política internacional contemporânea¹.

O debate sobre a Nova Guerra Fria se baseia no estudo de eventos históricos ocorridos em grande medida na última década. Dentre esses, salientamos a Guerra Russo-Georgiana em 2008, as ações da China para assegurar o domínio sobre o Mar do Sul da China, a Guerra da Ucrânia, a anexação da Crimeia pela Rússia em 2014 e o engajamento de Moscou e Pequim na Guerra da Síria a partir de 2015. Não obstante os objetivos e desdobramentos dos conflitos acima se restringirem fortemente ao nível regional, os eventos trazem em si o panorama da retomada da competição geoestratégica entre grandes potências com possíveis impactos para o sistema internacional. Embora os eventos mencionados acima tenham ocorrido na Europa, Ásia e Oriente Médio, a América Latina começa a ser percebida como um novo tabuleiro da confrontação geopolítica entre

¹ Embora o presente artigo seja anterior à pandemia do Covid-19, a questão da “Nova Guerra Fria” e a competição geopolítica entre Estados Unidos e China ganhou novo impulso e atenção com o surto do Sars-CoV-2. Para a apreciação destas questões sugerimos a leitura de Kissinger (2020), Luttwak (2020), Ferguson (2020), Brands (2020), Schell (2020).

Estados Unidos, Rússia e China. A crise da Venezuela é ilustrativa da reconfiguração desse tabuleiro estratégico com repercussões para a América Latina e Caribe.

Tendo como marco de agravamento o êxodo populacional massivo de venezuelanos em 2015 (HUMAN RIGHTS WATCH, 2017), foi após as eleições presidenciais de 2018 que a situação política da Venezuela entrou num patamar mais incisivo de polarização doméstica e de internacionalização do conflito político. Indo além de um problema relacionado aos perigos para a democracia e de colapso econômico, a crise em tela se transformou em um problema geopolítico, com expressivos reflexos geoestratégicos no âmbito regional e global. Como efeito destes desenvolvimentos, países da América do Sul, como o Brasil e o Chile tendem a ser arrastados para o contexto de disputa que a cada dia transcende os interesses de Caracas para abarcar aqueles de Washington, Moscou e Pequim. Por isso, o presente artigo parte do argumento de que a crise venezuelana vem se tornando um novo tabuleiro da Nova Guerra Fria, caracterizado pelas dinâmicas de competição entre as grandes potências.

O artigo está estruturado tendo como início esta seção introdutória. Em seguida, as duas seções que se seguem se debruçam sobre questão da Nova Guerra Fria e a crise da Venezuela. O objetivo dessas seções consiste em explorar os desdobramentos do argumento do artigo para compreender a mudança de polaridade e as expressões de interação estratégica geopolíticas da contenção e de cerco estratégico. Em adição, dar-se-á o estudo sobre a questão da distribuição de poder, das estratégias militares e das transferências de armas como importantes variáveis para explorar o argumento da Crise da Venezuela como novo front da Nova Guerra Fria. Na última seção, o artigo apresenta as suas considerações finais, tal como reflexões acerca de implicações

políticas e de planejamento estratégico diante do cenário analisado.

2. A Crise da Venezuela Como Conflito da Nova Guerra Fria na Era Multipolar

A ideia de uma Nova Guerra Fria não é objeto de consenso na literatura acadêmica. Autores como Kaplan (2019) e Lind (2018) são partidários da posição de que é possível observar o desenrolar de uma Nova Guerra Fria. Apesar de distinta da original, opõe os Estados Unidos a outros blocos de poder que contestam a primazia do país nas dimensões política, militar e econômica. Mais do que isso, percebem que nas primeiras décadas do presente século, os Estados Unidos se veem em um possível declínio relativo. Não obstante uma ordem bipolar não esteja em questão, nem uma disputa ideológica nos moldes comunismo *versus* capitalismo, Kaplan (2019) e Lind (2018) entendem que o que está em jogo vai além da proeminência dos Estados Unidos em áreas diversas de influência ao redor do globo e a primazia de Washington como ator central no sistema internacional.

Representando posições contrárias aquelas previamente apresentadas, autores como Monaghan (2015) apontam que a ideia de Nova Guerra Fria traz consigo um anacronismo histórico. Mais do que isso, concebe que a retomada de um panorama da era bipolar para a contemporaneidade incide negativamente na capacidade das potências ocidentais em entender aspectos relevantes da política internacional, como os objetivos e a estratégia da Rússia por exemplo. Posição semelhante é desenvolvida por Layton (2018), que também é cético quanto à existência de uma Nova Guerra Fria. Para o analista, o que se observa entre Washington e Pequim, por exemplo, é uma competição e não um conflito propriamente dito.

Como se observa, o debate sobre a existência de uma Nova Guerra Fria ecoa entre analistas e estudiosos da geopolítica e dos estudos estratégicos na contemporaneidade. Por essa razão, o presente artigo endossa a posição de Kramer (2018), que interpreta a ideia de Nova Guerra Fria mais como uma metáfora do que como uma repetição do conflito da era bipolar. Afastados os riscos de anacronismo histórico, a ideia de Nova Guerra Fria como analogia pode ser uma ferramenta interessante para pensar o atual estado de coisas da política internacional.

Apesar da dissonância do debate, existem alguns pontos em comuns na literatura, úteis para a análise que seguirá. Primeiramente, os autores supracitados concordam que vivenciamos a mudança para um padrão de polaridade estruturado em outros polos que não majoritariamente nos Estados Unidos. Independente da vertente teórica escolhida pelo analista, parece consensual que a multipolaridade tende a ser o padrão de distribuição global de poder nas próximas décadas. Um segundo ponto de concordância na literatura está na constatação acerca do retorno da competição entre grandes potências (KAPLAN, 2013). Em 2017, o então secretário de defesa dos EUA Ashton Cartes associava a competição entre grandes potências ao ressurgimento da Rússia e a ascensão Chinesa (IISS, 2017). Como resultado da desconcentração de poder, Estados Unidos, Rússia e China tendem a disputar cada vez mais áreas de influência. Um terceiro ponto de acordo consiste observar que a competição em questão lança bases não apenas em condições geopolíticas, mas também no desenvolvimento de tecnologias e meios de força que habilitam a polos de poder alternativos desafiar os Estados Unidos no domínio militar (IISS, 2017). Essa nova realidade, ligada a emergência da multipolaridade, se liga à

percepção de erosão da dianteira tecnológica dos Estados Unidos e da difusão e acesso de tecnologias e meios de força para seus competidores (IISS, 2018).

A percepção dos pontos em comum na literatura ajuda a usar a ideia de Nova Guerra Fria sem incorrer na crença de uma simples repetição histórica. Distinto do período 1946-1989, em que o mundo se dividia em dois blocos de poder e havia, na maioria das vezes, limites na atuação nas áreas de influência dos contendores; na contemporaneidade, os Estados Unidos sustentam uma presença global, exercendo ou disputando primazia em todas as áreas de influência no globo terrestre. A atuação estadunidense frente à Rússia e China remonta a George Kennan em face do esforço americano de fixar os limites da área de influência de seus competidores (COHEN, 2008). No contexto atual, a América Latina e Caribe exibem vantagens geoestratégicas interessantes para Rússia e China. A presença e influência em países caribenhos como Nicarágua e Cuba, e sul-americanos como a Venezuela, alicerça um patamar de projeção de força no interior do mediterrâneo dos Estados Unidos. Como resposta, o retorno à ideia de Hemisfério Ocidental reemerge como opção de reorganização do espaço hemisférico dos Estados Unidos nas Américas.

Entretanto, como a crise da Venezuela pode ser ilustrativa na América Latina e Caribe da competição multipolar? Não obstante os fortes componentes domésticos e históricos da atual crise da Venezuela² (HIIK, 2018), o conflito político tem sido cada vez mais internacionalizado. Os desenvolvimentos geopolíticos do conflito político venezuelano acirram a introdução da

América Latina nas dinâmicas de balanceamento (*soft* e *hard*) entre grandes potências, com importantes desdobramentos geopolíticos e militares. Por mais que a região possua algum nível de autonomia de segurança, ela pode ser capturada – mesmo que de forma temporária – tornando-se parte das dinâmicas de segurança e rivalidade do nível do sistema internacional. Como resultado, a participação ativa de grandes potências na América Latina altera o cálculo de forças da região, amplia o horizonte de possibilidades sobre o emprego da força militar como instrumento da política entre os contendores regionais e externos, tal como leva para o nível das grandes potências o nível decisório sobre uma saída para a crise em tela.

Dentre os exemplos que poderíamos expor para sustentar o argumento do parágrafo anterior, um dos mais elucidativos das dinâmicas em questão é o jogo geopolítico envolvendo resoluções sobre a Venezuela no âmbito do Conselho de Segurança da ONU (NEWS WIRE, 2019). A retórica humanitária e de mediação do conflito político venezuelano envolvendo Estados Unidos, Rússia e China (GOODMAN e ISACHENKOV, 2019) é representativa do movimento de captura da crise por parte de potências globais que disputam a configuração do equilíbrio de poder em diversos tabuleiros regionais.

Outro ponto de destaque quanto a internacionalização da crise consiste em que as coalizões contra e a favor do governo Maduro são ilustrativas da conexão entre o jogo geopolítico regional e internacional. A composição dos dois grupos internacionais que gravitam em torno dos lados em disputa é ilustrativa da frase anterior. Primeiramente, o Grupo de Lima (PERU, 2017), composto por

² O *Conflict Barometer* (HIIK, 2019, p.6; 117), classifica a crise Venezuela da seguinte forma: Nível de Intensidade: 3; Terminologia: Crise Violenta; Nível de violência: Conflitos Violentos; Classe da Intensidade: Média Intensidade.

países do hemisfério americano³, apresenta uma posição majoritária contra o governo Maduro, com exceção da postura menos incisiva do México depois da ascensão do novo governo de esquerda. Apesar de não ser membro do Grupo de Lima, o Uruguai tem apresentado posições de relevo, embora destoantes da coalizão internacional supramencionada (ONER e SHEHADEH, 2019).

Em oposição ao leque de países que se opõem a Maduro, salta aos olhos a relevância de nações de fora do hemisfério que contribuem para o esforço de balancear os contendores de Caracas. Em decorrência da perda do apoio regional e do aumento das pressões políticas e econômicas⁴, a Venezuela conta com um grupo informal de países que apoiam o atual governo. Atores como Irã, Turquia, Egito, Síria, Iraque, Vietnã, Índia, Azerbaijão e Belarus não só aumentaram o intercâmbio econômico e comercial com o país sul-americano nos últimos anos, como conferem apoio político-diplomático. Esse suporte é importante para atribuir alguma legitimidade internacional ao governo Maduro (ONER e SHEHADEH, 2019).

Observamos que a atual crise da Venezuela se desenvolve além de uma crise

³ Formado originalmente por Argentina, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, Honduras, México, Panamá, Paraguai e Peru.

⁴ Não obstante a oposição à Caracas por parte de importantes países da América Latina, a Venezuela conta com o apoio de parte dos países caribenhos, centro e sul-americanos. Remontando ao período da “petropolítica” do presidente Hugo Chávez, a Venezuela construiu uma base de apoio regional, sustentada em grande medida pela demanda regional por petróleo e institucionalmente pela Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (ALBA). Embora essa rede de sustentação possa não ser suficiente para balancear contendores regionais, os votos a que ela garante permitem dificultar a tramitação de sanções punitivas contra Caracas no seio da OEA (CORRALES e PENFOLD, 2011).

humanitária, mas como mais um tabuleiro para uma competição geoestratégica que transcende os interesses de Caracas ou de qualquer potência sul-americana. É nesse sentido que a Nova Guerra Fria como metáfora ganha força como instrumento de interpretação da realidade à luz de um conflito cuja compreensão ainda se busca desenvolver.

3. A Crise da Venezuela como um dos Tabuleiros Geoestratégicos da Nova Guerra Fria

O Norte da América do Sul consiste num referencial geográfico em que dinâmicas de balanceamento e equilíbrio de poder se processam, fundamentalmente entre grandes potências que disputam a conformação da polaridade do sistema internacional após décadas de supremacia dos Estados Unidos. Não obstante países como Turquia, Índia e Irã sejam importantes apoiadores de Caracas, no campo de batalha geopolítico o destaque recai na participação dos Estados Unidos (MARES, 2001; ELLIS, 2019), Rússia (MARES, 2001, 2012; DALL’AGNOL, ZABOLOTSKY, MIELNICZUK, 2018) e China (ELLIS, 2011; MEARSHEIMER, 2014; LONDOÑO, 2018). Distintas das demais potências, Washington, Moscou e Pequim são classificadas como grandes potências, com alcance global e capacidade de atuar sobre o equilíbrio de poder no nível do sistema internacional.

As grandes potências em competição na Venezuela representam duas tradições geopolíticas distintas: a talassocracia estadunidense, proveniente do poder marítimo, e o continentalismo das potências terrestres eurasiáticas, aqui representadas pela China e Rússia (KAPLAN, 2013). Num esquema geopolítico que remonta a Mackinder e a Spykman (MELLO, 1999), a Venezuela emerge como um novo tabuleiro geoestratégico, de natureza secundária, na disputa entre potências terrestres e marítimas.

Assim, com base na ideia de “tabuleiro estratégico” de Brezezinski (1997), consideramos a Venezuela como uma possível peça a integrar o “*Great Chessboard*” pensado pelo supramencionado geoestrategista.

A inserção da Venezuela como um dos tabuleiros geoestratégicos das grandes potências ameaça colocar sob suspeita um postulado da teoria do Poder Terrestre de Mackinder. Segunda a qual, “Protegidas pelos fossos do Grande Oceano, as potências marítimas do Crescente Insular [no caso, os Estados Unidos] estavam a salvo do assédio do poder terrestre dominante no núcleo basilar eurasiático” (MELLO, 1999, p. 49) [grifo nosso]. Essa realidade, vivenciada pelos Estados Unidos ao longo de sua confrontação com a União Soviética na América Latina e Caribe, ameaça ressurgir na atualidade. Como resposta aos movimentos de contenção americana em relação à Rússia e China na massa eurasiática, a Venezuela proporciona um espaço de manobra de contra-tenção. Em termos geopolíticos, a crise venezuelana permite a China e Rússia balancear os Estados Unidos em sua área de influência hemisférica. Em analogia à Guerra Fria original, com intensidade distinta da crise de 1962, Washington e Moscou incorporam a América Latina ao seu tabuleiro estratégico global. Mais recentemente, Pequim transcende a sua presença econômica e comercial na região, atuando na transferência de armamentos e na composição de alinhamentos em defesa do regime Maduro.

A crise em tela pode ser interpretada como um tabuleiro em que EUA, Rússia e China utilizam a Venezuela como proxy de uma disputa maior. Nesse sentido, esforços de contenção, contra-tenção e o embate geopolítico entre continentalismo eurasiático versus a oceanopolítica da potência Americana se projetam para o contexto da crise venezuelana (MELLO, 1999; KAPLAN, 2013). Com a reconfiguração dos polos de

poder ao redor do mundo, a presença na Venezuela surge como uma oportunidade para balancear os Estados Unidos em busca não apenas de efeitos nas Américas, mas conquistando ganhos geopolíticos em cenários de disputa mais relevantes para China e Rússia (McKAY, 2019; TEIXEIRA JÚNIOR, 2018). Para além dos vultosos investimentos e da presença econômica de Pequim e Moscou no país sul-americano (XIAOYU e MARYHEN, 2019), a crise da Venezuela desenvolve-se como um jogo de xadrez geopolítico. O conflito entre governo e oposição venezuelana se desenvolve como um *proxy conflict*, útil para barganhas de interesse superior na Eurásia por parte de potências continentais como Rússia e China. Na última década, os Estados Unidos perceberam que além da resistência à sua estratégia de contenção eurasiática, a América Latina também foi convertida em tabuleiro geopolítico em que se faz necessária a contenção da presença de competidores estratégicos como Rússia e China. Para os Estados Unidos, não obstante os riscos da reconfiguração do tabuleiro regional, a crise é uma oportunidade de se reafirmar como potência líder do hemisfério. Desta forma, a retomada mais enfática da atuação dos EUA na América Latina assegura o primado de doutrinas clássicas, como a Doutrina Monroe, que objetivam empurrar para fora potências competidoras.

Outra dinâmica fundamental para compreender a Venezuela como tabuleiro da Nova Guerra Fria consiste em observar os tipos e a variedade de meios militares e não militares e a forma como as grandes potências os empregam no decurso da crise estudada. Ameaças híbridas, guerra psicológica e econômica são expedientes da guerra irregular disponíveis para Estados Unidos, Rússia e China (IISS, 2018; FREEDMAN, 2017; KORYBKO, 2018). A mudança de regime, como as “revoluções coloridas” (KUO e AGREN, 2019) e a subsequente busca por

preencher o vazio geopolítico deixado por seus competidores podem ser chaves explicativas a conectar as mudanças da distribuição global de poder, posturas estratégicas e estratégias militares. É nesse contexto que uma crise política como a da Venezuela é interpretada por Moscou como mais uma “Revolução Colorida” orquestrada por Washington, como expediente do que os americanos chamam de Guerra Híbrida (KORYBKO, 2018). Diante do que entende como intervencionismo, Pequim, interpreta a crise à luz do princípio onusiano de não-intervenção e soberania (CHINA, 2019).

Outro fator de destaque na emergência da Venezuela como tabuleiro da Nova Guerra Fria consiste no fato de que Rússia e China são os principais fornecedores de material bélico da Venezuela. A transferência de armas, para além de influenciar no cálculo de força militar regional, afeta potencialmente o equilíbrio de poder entre os países da região. Tão importante quanto é o papel que os armamentos e sistemas possuem na sinalização política de intenções. Como ocorrido em 2008, mesmo ano da Guerra russo-georgiana (BLANK, 2009), a recente visita à Venezuela de dois bombardeios russos Tu-160 ilustra claramente a relação entre armas e política nas relações entre grandes potências (PHILLIPS, 2018).

No campo da geoestratégia, a compra e emprego de seus sistemas de armas na América Latina sinaliza a pujança da China como potência militar emergente. Embora a Venezuela seja o principal destino para as exportações de armas da China, o país ainda não é um fornecedor de armas para Caracas tão expressivo como a Rússia. Entretanto, quando se leva em conta a reduzida participação do mercado latino-americano no mercado de defesa global (IISS, 2018), interpreta-se que a China confere importante significado geopolítico e estratégico em sua participação na composição de capacidades

militares na América Latina e em particular na Venezuela. Contudo, distinto do perfil global de sua expressão econômica, a distância do país em relação à América Latina e Caribe e a sua ênfase na projeção de poder no Leste Asiático, Índico e na costa oriental da África mitigam as chances da China se projetar militarmente de forma mais robusta nas Américas.

Conforme analisado, a metáfora da Nova Guerra Fria permite evidenciar dinâmicas fundamentais da competição entre grandes potências em atuação na América Latina e Caribe. Ações de contenção, tentativas de cerco estratégico, uso da crise como *proxy conflict* e da transferência de armas como forma de estruturar alinhamentos são elementos que se misturam ao repertório variado de meios de força disponíveis às grandes potências em disputa na América Latina. Nesse contexto, a crise da Venezuela consiste numa situação em que a região se vê adicionada ao conjunto de tabuleiros geoestratégicos em que disputam as grandes potências supracitadas, tais como o Leste Europeu, Nordeste Asiático e Oriente Médio. Com base nessa análise reforçamos a leitura de que a crise venezuelana evidencia uma janela de oportunidade para que potências vistas como revisionistas pelos Estados Unidos os balanceiem em sua periferia próxima.

4. Considerações Finais

O presente artigo partiu da pergunta sobre como o fenômeno denominado Nova Guerra Fria pode contribuir para compreender as mudanças do panorama geopolítico da América Latina e Caribe na atualidade. O texto buscou desenvolver uma reflexão analítica sobre a crise da Venezuela à luz da competição entre grandes potências. O argumento central que baseou o trabalho aponta para que a crise da Venezuela é um evento que acirra o processo de conversão de

partes da América Latina e Caribe em novos tabuleiros da competição geopolítica entre Estados Unidos, Rússia e China. Entre os possíveis desdobramentos analíticos está a possibilidade de conversão da crise da Venezuela em mais um evento da chamada Nova Guerra Fria.

É importante destacar que apesar de apresentar sucintamente correntes a favor e contra a ideia de uma Nova Guerra Fria, o artigo em tela optou por usar essa abordagem como uma metáfora, útil para interpretar uma realidade a muito não vivenciada na região: a da competição entre grandes potências numa ordem multipolar. O artigo sustenta que apesar de inconclusivo, o debate sobre a Nova Guerra Fria contribuiu para a compreensão da geopolítica contemporânea na América Latina ao proporcionar conceitos e parâmetros que organizam a compreensão de analistas e tomadores de decisão num contexto internacional marcado pela multipolaridade e acirramento da competição entre grandes potências. Com isso, traz para a região os efeitos de instabilidade próprios da multipolaridade (MEARSHEIMER, 2001).

Conforme desenvolvido ao longo do trabalho, enquanto que no quadro global é maturada a transição da polaridade do sistema internacional para uma configuração multipolar (BUZAN, 2004, IISS, 2018), a distribuição de poder global que se processa

hodiernamente permite com que concorrentes dos Estados Unidos, como China e Rússia, se lancem em esforços de balanceamento em sua área de influência hemisférica. Por essa razão, ao participar da recomposição do equilíbrio de poder entre Estados Unidos, Rússia e China, países da América Latina e Caribe se veem imersos num contexto de confronto que ganha contornos de uma “segunda guerra fria” (BANDEIRA, 2013).

Como resultante da investigação, constata-se que a Crise da Venezuela serve como um ponto focal para o estudo da atuação de grandes potências na América Latina e Caribe. Para fins de planejamento das forças terrestres das principais potências latino-americanas, se faz relevante vislumbrar a evolução do cenário em que a região norte do continente sul-americano se converte numa zona de potencial conflito e instabilidade de segurança e defesa. Conhecer os determinantes dessa realidade internacional se faz imperativo numa região que vivenciou décadas da promoção de agendas não-tradicionais de segurança. Embora possam manter relevância devido à heterogeneidade das realidades latino-americanas, temas como segurança humana, novas ameaças e insurgência criminal poderão ser reenquadrados no contexto de plausibilidade de guerras convencionais, dilema de segurança e de estratégias coercitivas.

Referências

- BANDEIRA, Bandeira, Luiz Alberto. A segunda guerra fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BLANK, Stephen. Russia in Latin America: Geopolitical games in the US's neighborhood. *Russie. Nei. Visions*, nº 38, Russia/NIS Center, Paris/Bruxelas, abril 2009.
- BRANDS, Hal. "Can a Broke America Fight a Cold War With China?". *Bloomberg Opinion*. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2020-05-05/coronavirus-can-a-broke-u-s-fight-a-cold-war-with-china>. Acesso em: 28 set. 2020.
- BREZEZINSKI, Zbigniew. *The Grand Chessboard: American primacy and its geostrategic imperatives*. New York: Basic Books: 1997.
- BUZAN, Barry. *The United States and the Great Powers: World Politics in the Twenty First Century*. Cambridge: Polity, 2004.
- CHINA. Ministry of Foreign Affairs. "Wang Yi Talks About the Venezuelan Issue". Fev. 27, 2019. Disponível em: https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/wjb_663304/zzjg_663340/ldmzs_664952/gjlb_664956/3538_665158/3540_665162/t1642044.shtml. Acesso em: 14 mar. 2019.
- CORRALES, Javier; PENFOLD, Michael. *Dragon in the Tropics: Hugo Chávez and the political economy of revolution in Venezuela*. Washington: The Brookings Institution, 2011.
- DALL'AGNOL, Augusto C.; ZABOLOTSKY, Boris P.; MIELNICZUK, Fabiano. "The Return of the Bear? Russian Military Engagement in Latin America: The Case of Brazil". *Military Review*, July 2018. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/Army-Press-Online-Journal/documents/Mielniczuk-Russia-Brazil.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- ELLIS, R. Evan. "China-Latin America Military Engagement: Good Will, good business, and strategic position". *Strategic Studies Institute Monograph*. August 2011.
- ELLIS, R. Evan. "The U.S. Military in Support of Strategic Objectives in Latin America and the Caribbean". *PRISM – The Journal of Complex Operations*, Vol. 8, No. 1, 2019.
- FERGUSON, Niall. "America and China Are Entering the Dark Forest". *Bloomberg Opinion*. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2020-07-05/is-the-u-s-in-a-new-cold-war-china-has-already-declared-it>. Acesso em: 28 set. 2020.
- FREEDMAN, Lawrence. *The Future of War: A History*. New York: PublicAffaris, 2017.
- GOODMAN, Joshua; ISACHENKOV, Vladimir. "Aid wars: US-Russia vie to ease Venezuelan crisis". *The Associated Press*. February 20, 2019. Disponível em: <https://www.mpnnow.com/ZZ/news/20190220/aid-wars-us-russia-vie-to-ease-venezuelan-crisis>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- IIK. Heidelberg Institute for International Conflict Research. *Conflict Barometer 2018*. nº 27. Heidelberg, 2019.
- HUMAN RIGHTS WATCH. "Venezuela: Crise humanitária alastra-se para o Brasil. 18 abril 2017. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/news/2017/04/18/302397>. Acesso em: 12 mar. 2019.

IISS. International Institute for Strategic Studies. *The Military Balance 2018: The annual assessment of global military capabilities and defence economics*. London, 2018.

IISS. International Institute for Strategic Studies. *The Military Balance 2017: The annual assessment of global military capabilities and defence economics*. London, 2017.

KAPLAN, Robert D. "A New Cold War Has Begun". *Foreign Policy*. January 7, 2019. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2019/01/07/a-new-cold-war-has-begun/>>, Acesso em: 29 mai. 2019.

KAPLAN, Robert D. *A vingança da geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica*. Tradução Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

KISSINGER, Henry. "The Coronavirus Pandemic Will Forever Alter the World Order". *WSJ Opinion*. Disponível: <https://www.wsj.com/articles/the-coronavirus-pandemic-will-forever-alter-the-world-order-11585953005>. Acesso em: 28 set. 2020.

KORYBKO, Andrew. *Guerras Híbridas: das Revoluções Coloridas aos Golpes*. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2018.

KRAMER, Mark. "U.S.-Russian Relations and the 'New Cold War' Metaphor". *PONARS Eurasia Policy Memo No. 547*. November 2018. Disponível em: <<http://www.ponarseurasia.org/memo/us-russian-relations-and-new-cold-war-metaphor>>, Acesso em: 29 mai. 2019.

KUO, Lily; AGREN, David. "Russia and key allies vow to stand by Maduro in Venezuela crisis". *The Guardian*, Jan 24, 2019. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2019/jan/24/juan-guaido-venezuelas-opposition-leader-declares-himself-interim-president>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

LAYTON, Peter. "US-China competition is all about us". *Lowy Institute*, 7 December 2018. Disponível em: <<https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/uschina-competition-all-about-us>>, Acesso em: 29 mai. 2019.

LIND, Michael. "America vs. Russia and China: Welcome to Cold War II". *The National Interest*. April 15, 2018. Disponível em: <<https://nationalinterest.org/feature/america-vs-russia-china-welcome-cold-war-ii-25382>>, Acesso em: 29 mai. 2019.

LONDOÑO, Ernesto. "From a Space Station in Argentina, China Expands Its Reach in Latin America". *New York Times*, 28 de Julho 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/07/28/world/americas/china-latin-america.html>>, Acesso: 19 out. 2018.

LU, Xiaoyu; MORALES, Maryhen J. "Why China could support regime change in Venezuela". *The Diplomat*, February 22 2019. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2019/02/why-china-could-support-regime-change-in-venezuela/>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

LUTTWAK, Edward. "The world after covid-19: Edward Luttwak on the political repercussions of the pandemic". *The Economist*, May 11th 2020. Disponível em: <https://www.economist.com/by-invitation/2020/05/11/edward-luttwak-on-the-political-repercussions-of-the-pandemic>. Acesso em: 28 set. 2020.

MARES, David R. *Latin America and the Illusion of Peace*. International Institute for Strategic Studies, Adelphi series. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2012.

MARES, David R. *Violent Peace: militarized interstate bargaining in Latin America*. New York: Columbia University Press, 2001.

McKAY, Hollie. “Why Russia, China are fighting US push against Venezuela’s Maduro”. Fox News. January 30, 2019. Disponível em: <<https://www.foxnews.com/world/why-russia-china-are-fighting-us-push-against-venezuelas-maduro>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

MEARSHEIMER, John J. “Can China Rise Peacefully?”. The National Interest. October 25, 2014. Disponível em: <<https://nationalinterest.org/commentary/can-china-rise-peacefully-10204>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

MEARSHEIMER, John J. The Tragedy of Great Power Politics. New York/London: W. W. Norton & Company, 2001.

MELLO, Leonel Itaussu. Quem tem medo de geopolítica? São Paulo: Hucited Edusp. 1999.

MONAGHAN, Andrew. A ‘New Cold War’? Abusing History, Misunderstanding Russia. Chatham House – The Royal Institute of International Affairs. Russia and Eurasia Program, May 2015. Disponível em: <https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/field/field_document/20150522ColdWarRussiaMonaghan.pdf>, Acesso em: 29 mai. 2019.

NEWS WIRE. “Russians, US resolutions on Venezuela crisis both defeated at UN”. France24, 01 mar. 2019. Disponível em: <https://www.france24.com/en/20190228-venezuela-maduro-un-russia-china-veto-us-resolution-urging-new-elections..> 2019. Acesso em: 12 mar. 2019.

NIXON, Allan. "China's growing arms sales to Latin America". The Diplomat, August 24, 2016. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2016/08/chinas-growing-arms-sales-to-latin-america/>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

ONER, Imdat; SHEHADEH, Lana. “In Venezuela, an isolated Maduro searches for allies across the globe”. War on the Rocks. January 30, 2019. Disponível em: <<https://warontherocks.com/2019/01/in-venezuela-an-isolated-maduro-searches-for-allies-across-the-globe/>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

PAUL, T. V. “The enduring axioms of balance of power theory and their contemporary relevance”. In: PAUL, T. V.; WIRTZ, JAMES J.; FORTMANN, MICHEL (Eds). Balance of Power: Theory and Practice in the 21st century. Stanford: Stanford University Press, 2004.

PERU, Ministerio de Relaciones Exteriores. Declaración de Lima. Lima, 8 agosto 2018. Disponível em: Acesso em: <http://www.rree.gob.pe/SitePages/declaracion_conjunta.aspx?id=DC-007-17>. Acesso em: 12 mar. 2019.

ROMANA, Heitor Barras. “Da Cultura Estratégica: Uma Abordagem Sistêmica e Interdisciplinar”. R. Esc. Guerra Naval, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 13-32, jan/abr. 2016.

SCHELL, Orville. "The Ugly End of Chimerica". Foreign Policy, April 3, 2020. Disponível: <https://foreignpolicy.com/2020/04/03/chimerica-ugly-end-coronavirus-china-us-trade-relations/>. Acesso: 28 set. 2020.

TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M.. “A Reconfiguração do Tabuleiro Internacional e suas Implicações Geoestratégicas para o Brasil”. Centro de Estudos Estratégicos do Exército: Artigos Estratégicos, v. 5, n. 2, p. 7-30, dez. 2018. Disponível em: <<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/index.php/CEEEArE/article/view/2096>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

VADELL, J. A.. “China in Latin America: South-South Cooperation with Chinese Characteristics”. Latin American Perspectives. 2018.

